

## Morte... Negada!

### Evidências Corpóreas—Parte 1

Lucas 7–8

#### Introdução

Gosto muito de ler epitáfios que acabaram sendo publicados no decorrer dos anos. Um autor afirmou que mensagens gravadas em lápides geralmente são surpreendentes e às vezes humoradas. Aqui estão algumas das minhas favoritas—umas são profundas, outras mal-humoradas e ainda outras engraçadas.

Um marido gravou no túmulo de sua esposa as “últimas palavras” dela. São palavras um tanto desagradáveis:

*Debaixo desta pedra silenciosa  
jaz uma senhora antiquada e espalhafatosa.  
Desde o berço conversou com a morte,  
e desde então sempre lhe faltou fôlego.  
Aqui jaz, de volta ao barro,  
a Dona Arabella,  
que, no dia 11 de maio,  
deixou de ser uma tagarela.*

Uma senhora escreveu seu próprio epitáfio, o qual se refere à sua vida exausta:

*Queridos amigos,  
Vou para um lugar onde não existe louça a lavar,  
comida a cozinhar ou roupa a costurar.  
Não lamentem minha morte,  
nem por mim jamais chorem:*

*Pois vou a nada fazer,  
pelos séculos dos séculos!*

Já esta próxima mulher aproveitou a morte do marido e seu túmulo para fazer uma propaganda para si mesma:

*Consagrada à memória de seu marido,  
John Barnes, falecido em 3 de janeiro de 1803.  
Sua querida esposa viúva, de 23 anos,  
possui muitas qualidades de boa esposa  
e busca ser consolada.*

Esta outra inscrição gravada em um monumento merece ser lida e relida:

*Como a capa de um livro velho,  
seu conteúdo arrancado,  
roubado de suas letras e decoração,  
jaz aqui alimento para vermes.  
Mas o trabalho não será perdido,  
pois aparecerá uma vez mais  
numa edição nova e mais elegante,  
revisada e corrigida pelo Autor divino.*

Sem dúvidas, epitáfios, lápides e túmulos nos relembram de que todos nós somos mortais. Todos estamos no processo de ir embora daqui. Estamos indo... indo... e em breve teremos ido.

Que tipo de esperança existe após nossa partida? E será que nossa existência pode ser resumida por poucas palavras numa lápide, quem sabe palavras humoradas, provocativas ou deprimentes?

## Revogando a Maldição

Mas a história não termina no cemitério, não é verdade? De jeito nenhum! Assim como a história de Cristo não terminou na cruz, a nossa também não termina no cemitério.

Thomas Jefferson, um dos fundadores dos Estados Unidos e formuladores da Declaração de Independência, rejeitava qualquer noção de milagre, assim como muitos intelectuais de seus dias que descartavam a possibilidade do sobrenatural. O próprio Thomas Jefferson editou uma versão dos Evangelhos com sua tradução. Eu tenho uma cópia dessa edição. Ele termina o Evangelho de João em João 19.42, onde lemos:

*Ali, pois, por causa da preparação dos judeus e por estar perto o túmulo, depositaram o corpo de Jesus.*

Ponto final. A história terminou—final do livro. Jesus está morto. Acabou.

Mas a história *não* acabou. As lágrimas que derramamos quando lembramos da morte de Cristo não são de tristeza, mas de profunda gratidão. O melhor ainda está por vir e virá com o raiar do dia!

O cientista canadense B. Hardy, agora crente, afirmou, certa vez:

Quando olhava para religião, eu dizia: “Tenho duas perguntas. Primeiro, será que alguém já venceu a morte e, segundo, será que criaram uma maneira de eu também vencê-la.” Olhei o túmulo de Buda, e estava ocupado. Olhei o de Confúcio, e estava ocupado. Olhei o de Maomé, e estava ocupado. Daí, cheguei ao túmulo de

Jesus, e ele estava vazio. Eu disse: “Existe alguém que venceu a morte.” Então, fiz a segunda pergunta: “Será que ele providenciou uma forma para que eu a vencesse também?” Então, abri a Bíblia e descobri que ele disse: “Porque eu vivo, você também viverá.”<sup>1</sup>

Nossa esperança além do túmulo vai muito além de algo que Jesus Cristo *declarou*; ela se baseia em algo que ele *demonstrou* não somente para si mesmo, mas para outros também.

Precisamos entender que nenhum dos milagres que Jesus Cristo realizou foi simplesmente porque o mundo estava cheio de pessoas doentes e moribundas. Os profetas do Antigo Testamento predisseram que o Messias vindouro revelaria poder para revogar todos os efeitos da maldição do pecado, cancelando doença e trazendo cura; anulando tristeza e trazendo alegria; eliminando fome e providenciando alimento; e vencendo a morte e trazendo vida, a vitória mais significativa de todas.

Cristo realizou tudo isso, inclusive anulou a vitória de sua própria morte.

O interessante é que Jesus Cristo não participou de nenhum funeral sem que o atrapalhasse totalmente. Algumas das evidências mais negligenciadas a favor da autenticidade da alegação de Jesus como Messias não se encontram em seu túmulo, mas no túmulo de outras pessoas. Esses indivíduos que foram ressuscitados podem ser chamados de *evidências corpóreas*. Uma vez mortos, depois reviveram pelo poder que Cristo tem de revogar a maldição do pecado vista na morte.

Existem pelo menos cinco instâncias nas quais Cristo emprega seu poder divino para ressuscitar mortos: o filho da viúva, a filha de um chefe da sinagoga, Lázaro, os santos que ressurgiram dos túmulos e entraram em Jerusalém durante um

terremoto na ocasião da morte de Cristo, e a ressurreição do próprio Jesus. Essas pessoas ressuscitadas são nada mais que evidências corpóreas.

## **Primeira Cena de Ressurreição: O Filho da Viúva**

A primeira ocasião em que Jesus revoga a maldição da morte se encontra registrada em Lucas 7.11–12. Ele e seus discípulos entram numa pequena cidade que está tomada por uma procissão fúnebre:

*Em dia subsequente, dirigia-se Jesus a uma cidade chamada Naim, e iam com ele os seus discípulos e numerosa multidão. Como se aproximasse da porta da cidade, eis que saía o enterro do filho único de uma viúva; e grande multidão da cidade ia com ela.*

Se você já presenciou ou assistiu a noticiários relatando funerais em culturas do Oriente Médio, então provavelmente faz ideia da balbúrdia, choro e lamento que acontecem.

Em um funeral judaico, quatro coisas tipicamente aconteciam:

1. Rasgava-se os mantos—desde o clarinho até um pouco abaixo da altura do coração como sinal de coração quebrantado.
2. Contratava-se lamentadores profissionais (geralmente mulheres) para chorarem e lamentarem. Elas geralmente compunham canções originais incluindo o nome do defunto nas letras, bem como os dos familiares enlutados. Isso apenas agravava a dor e tristeza dos enlutados. No caso da mulher nesse texto, o nome do seu marido foi parte do lamento.

3. Contratava-se também músicos profissionais, geralmente tocadores de flautas. Eles tocavam notas altas e dissonantes, refletindo a confusão e desordem emocionais no choro dos lamentadores.

4. E quarto, as mulheres conduziam o cortejo. A tradição judaica ensinava que, uma vez que as mulheres traziam a humanidade a este mundo, deveriam também a despedir dele.<sup>2</sup>

Podemos apenas imaginar o barulho e confusão nessa multidão enlutada que lamentava e se empurrava de um lado a outro.

Isso me lembra de um costume nas Ilhas Fiji. Na ocasião do falecimento de alguém, a família sobe ao topo da mais alta montanha e começa a gritar em profundo desespero e sem resposta alguma: “Volta! Volta!”

Nessa cena do Evangelho de Lucas, a viúva caminhou à frente do caixão, conforme o costume dos judeus. Apesar de cercada de pessoas, ela se sentia totalmente sozinha.

O caixão que abrigava o corpo do seu único filho provavelmente não passava do comum caixão feito com tábuas. Ele foi carregado por voluntários da cidade; pessoas revezavam nessa tarefa. O corpo do menino estava envolto por um simples lençol.

Imagine essa cena caótica enquanto o cortejo fúnebre se aproxima do portão da cidade, no mesmo momento que Jesus chega com seus seguidores. O comentarista John Phillips escreveu: “Os dois cortejos se encontram no portão da cidade. Um cortejo era liderado pelo anjo da morte; o outro pelo Senhor da vida.”<sup>3</sup>

Vida e morte se encontram face-a-face. Em seguida, é como se Jesus dissesse ao anjo da morte:

“Desta vez, seu pedido será negado!” A cena é nada mais que uma demonstração visual da missão de Cristo: conquistar a morte, tragando-a em vitória (1 Coríntios 15.54–55).

Lucas 7.13 conta: *Vendo-a, o Senhor se compadeceu dela e lhe disse: Não chores!* Simplesmente, ele diz: “Pare de chorar.”

Ele não pode estar falando sério aqui! Essa viúva ficou totalmente desamparada, sem um provedor e protetor. Naqueles dias, ser uma viúva sem um herdeiro ou provedor significava total privação, pobreza e desamparo. Lembre-se de Noemi. Depois que perdeu seu marido e dois filhos, ela mudou seu nome para Mara, que significa “Amargurada” (Rute 1.20). Como Jesus esperaria que essa senhora simplesmente parasse de chorar?

A frase seguinte fornece a resposta: *Chegando-se, tocou o esquife e, parando os que o conduziam.* Com certeza o cortejo parou! Aqui está um rabino voluntariamente se tornando impuro. A lei declarava que quem entrasse em contato com um morto se tornaria impuro. As flautas devem ter parado no meio de uma nota; os cantores interromperam a letra de sua canção; os lamentadores ficaram em silêncio de repente.

Em seguida, lemos o surpreendente no final do verso 14: *Jovem, eu te mando: levanta-te!* Trata-se aqui de um imperativo, uma ordem. O verso 15 nos conta o que ocorre como resultado: *Sentou-se o que estivera morto e passou a falar.* O morto se levanta e começa a conversar. A primeira coisa que ele disse provavelmente foi: “Por que estou enrolado neste lençol? Me ajudem a sair daqui!”

Diante disso, lemos no verso 16 que *todos ficaram possuídos de temor.* Imagino que todos ficaram com medo mesmo. Aqui está um morto sentado no caixão e começando a falar debaixo do pano que o envolve! Sem dúvidas, alguns

desmaiaram, outros gritaram, muitos suspiraram e outros levaram a mão à boca em total choque diante da cena. Quem sabe alguns saíram correndo de medo! E os voluntários que carregavam o caixão, o que fariam agora?

A última parte do verso 15 diz: *E Jesus o restituiu a sua mãe.* Em outras palavras, Jesus ajudou a retirar o lençol do seu corpo, apresentou-se ao jovem e depois o levou à sua mãe. Imagine só a alegria e admiração dessa mãe!

Sob a ordem de Cristo, mortos vivem!

Sinceramente, não consigo imaginar a multidão fazendo outra coisa além de crer nas alegações de Jesus.

Só que tem mais. Jesus pronunciará uma ordem futura. O apóstolo Paulo leva esperança aos crentes tessalonicenses que estavam enlutados ao escrever:

*Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro (1 Tessalonicenses 4.16).*

No momento da morte, o espírito do crente é imediatamente conduzido à presença do Senhor. Mas quando ele retornar para arrebatá-la sua igreja, nossos corpos, que terão sido reduzidos a pó, serão reformados e ressuscitados à condição de glorificados. Então, nosso corpo será reunido ao nosso espírito e estaremos para sempre com o Senhor.

*Porque eu vivo, vós também vivereis (João 14.19).*

Levanta-te! Com essa única palavra, o corpo do garoto foi curado e o coração de uma mãe restaurado. Podemos só imaginar os músicos guardando os instrumentos, e os cantores um tanto chateados porque o concerto nunca aconteceu e,

portanto, nunca receberão seu cachê por completo. O funeral foi interrompido. A morte foi *negada*!

## **Segunda Cena de Ressurreição: A Filha de Um Chefe da Sinagoga**

Ainda no Evangelho de Lucas, nos deparamos com outra cena inacreditável na qual um funeral nem sequer teve a chance de começar. Jesus chega à região da Galileia. Lemos em Lucas 8.41–42:

*Eis que veio um homem chamado Jairo, que era chefe da sinagoga, e, prostrando-se aos pés de Jesus, lhe suplicou que chegasse até a sua casa. Pois tinha uma filha única de uns doze anos, que estava à morte.*

Lucas nos informa de que Jairo era um *archon*, isto é, o líder ou chefe da sinagoga. Essa era uma posição escolhida a votos e era uma das mais reverenciadas na comunidade judaica.

Como chefe da sinagoga, Jairo era o responsável pelos cultos de adoração. Ele decidia quem explicaria as Escrituras naquele dia; quem sabe até tinha certa liberdade para escolher a passagem a ser explicada. Ele também servia como juiz em determinados conflitos. De forma simples, ele era um dos homens mais piedosos, populares e respeitados na cidade.

Além disso, sua posição de chefe da sinagoga significava que ele alertava o povo judeu quanto a heresias e falsos mestres. Isso se torna interessante quando consideramos que, a essa altura em seu ministério, Jesus já havia sido condenado como herege pelos líderes religiosos de Israel.

O concílio dos anciãos em Jerusalém estava furioso com os ensinamentos e atos de Jesus e tinha até enviado alertas às regiões vizinhas. Todos os oficiais de sinagogas sabiam que Jesus estava na “lista negra”.

A despeito de tudo isso e de Jairo saber que Jesus estava além dos limites, nós o encontramos aqui se prostrando de joelhos (*proskyneō*) diante do Senhor. Devemos enxergar isso como um ato de honra por meio do qual você se prostrava diante de uma pessoa respeitada, bem como beijava seus pés, a orla de seu manto e até mesmo o chão em frente aos seus pés.<sup>4, 5</sup>

Esse era o homem a cargo da sinagoga; ele tinha provavelmente ouvido os alertas contra esse Curandeiro. Entretanto, publicamente diante de muitas testemunhas em uma multidão, Jairo cai ao chão e beija os pés de Jesus. Por quê? Porque estava desesperado. Sua garotinha estava morrendo. Jesus era a última esperança de Jairo!

Além disso, havia uma pequena fagulha de fé no coração de Jairo. Talvez as histórias que tinha ouvido sobre esse rabino eram verdadeiras. Ademais, nenhuma de suas orações parecia funcionar; seu histórico de serviço fiel na sinagoga parecia não chamar a atenção de Deus. Ele não podia perder mais tempo.

Conforme o relato de Mateus, a garota já estava morta. Qualquer aparente discrepância entre os dois evangelistas é explicada com base no momento em que o mensageiro chega até Jairo com a notícia. Mateus insere a notícia no pedido de Jairo a Jesus (Mateus 9.18–26).

Lucas, por outro lado, nos fornece uma história mais completa com detalhes, indicando que se passou um período de tempo entre o primeiro contato de Jairo com Jesus e a chegada do mensageiro trazendo a trágica notícia da morte da menina.

É importante entendermos que Jesus responderá positivamente ao pedido desse homem desesperado que se prostra ao chão, arriscando, assim, sua reputação. Na verdade, se Jesus fosse incapaz de

curar a menina, a carreira de Jairo na sinagoga estaria encerrada e sua reputação destruída. Mas, até onde Jairo sabe, vale a pena correr esse risco.

Joseph Bayly e sua esposa Mary Lou sabiam o que significava perder um filho. Eles perderam três filhos—um recém-nascido após uma cirurgia; outro quando tinha cinco anos de idade para leucemia; e o terceiro quando tinha dezoito anos após um acidente que sofreu. Então, quando Joseph Bayly, um crente, escreveu sobre a morte de um filho, ele tinha algo significativo a dizer:

De todas as mortes, a morte de um filho é a mais contrária à natureza e a mais difícil de suportar. Ela é um “ponto final inserido antes do final de uma sentença”. Esperamos os velhos morrerem. Apesar de a separação ser difícil, ela não é uma surpresa. Mas a criança, a juventude? A vida ainda está adiante, com sua beleza, maravilha e potencial. A morte se parece com um ladrão cruel. Quando uma criança morre, um pedaço dos pais é sepultado... Eu conheci um homem com quase oitenta anos de idade. Depois de conversarmos uns dez minutos, ele tirou de sua carteira uma foto desbotada de uma criança—um filho que morrera quase cinquenta anos antes. A morte de uma criança se parece com a morte de um futuro que jamais será vivido.<sup>6</sup>

Não tenho dúvidas de que muitos ouvindo isto já choraram ao lado do túmulo de um filho. Quer tenha sido um filho novo ou mais velho, parte de você foi enterrada ali.

Conforme o costume judaico, uma garota se tornava mulher aos doze anos de idade e um menino aos treze. A filha de Jairo estava no início de seu futuro como uma jovem moça—tudo estava adiante. As atitudes desesperadas de seu pai também revelam que ela era sua queridinha, sua alegria, sua garotinha. Como é confortador ler em

Lucas 8.42 que Jesus concordou em ir com Jairo até sua casa.

De repente, ocorre uma interrupção! Lucas 8.43–44 conta o que acontece:

*Certa mulher que, havia doze anos, vinha sofrendo de uma hemorragia, e a quem ninguém tinha podido curar [e que gastara com os médicos todos os seus haveres], veio por trás dele e lhe tocou na orla da veste, e logo se lhe estancou a hemorragia.*

Embora nosso desejo seja continuar com o drama anterior e prosseguir logo à casa de Jairo, não leia ainda para descobrir o que acontece. Precisamos parar e considerar essa interrupção atentamente.

Você percebeu a menção a anos? Por um lado, Jairo e sua esposa haviam desfrutado da presença de sua filhinha por doze anos; por outro lado, essa mulher havia encarado terrível agonia por doze anos.

Sua condição é chamada de *hemorragia*; sangramento ou, literalmente, fluir de sangue. Quem sabe ela sofria com algum tumor ou doença no útero que a fazia sangrar continuamente.

A lei mosaica determinava em Levítico 15 que uma mulher com esse tipo de condição seria considerada cerimonialmente impura: qualquer coisa que tocasse, qualquer cama na qual dormisse e cadeira na qual se sentasse seriam consideradas impuras. Além disso, a lei declarava que quem a tocasse se tornaria impuro e deveria lavar suas roupas, lavar-se e ainda assim continuaria impuro até o anoitecer. Sua hemorragia era considerada como sinal do desprazer de Deus com ela, talvez por causa de algum pecado secreto, não confessado.

Independente disso, essa senhora havia sido excluída da sinagoga e do templo; se tivesse sido

casada, seu marido provavelmente se divorciou dela; se tivesse filhos, ela não poderia abraçá-los. Qualquer um que a tocasse ou quem ela tocasse se tornaria impuro imediatamente. Seu estigma só era ultrapassado em gravidade pela lepra na comunidade judaica.

Charles Swindoll escreveu sobre a condição dessa mulher:

Ela vivia com um semblante abatido, ciente de sua situação, envergonhada e amedrontada. Ela enxerga a condescendência nos olhares dos transeuntes e sente a indiferença quando dão as costas para ela. Mas, acima de tudo, ela teme o julgamento dos outros sobre ela, os quais pensam que sua doença é resultado direto de algum pecado pessoal. E com uma hemorragia no útero, qualquer um conseguiria adivinhar de que tipo de pecado se tratava.<sup>7</sup>

Para agravar ainda mais sua situação já devastadora, ela sabia que não tinha pecado. Lucas deixa isso implícito quando escreve que *ninguém tinha podido curar* sua enfermidade. Marcos adiciona que ela gastou todo dinheiro que tinha com médicos, mas sua situação só piorou. Marcos conta:

*e muito padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem, contudo, nada aproveitar, antes, pelo contrário, indo a pior* (Marcos 5.26).

Por que buscar médicos se sua doença era resultado de pecado? Sem dúvidas, a essa altura ela já tinha passado por sofrimento suficiente para finalmente confessar pecados do passado. Mas isso não aconteceu porque provavelmente não havia nenhum pecado passado a confessar a fim de a livrar daquela condição.

Imagine só a ironia nessa cena: ela tinha sido excluída da adoração na sinagoga e agora

interrompe o Senhor Jesus que está a caminho da casa do chefe da sinagoga! Muito provavelmente, foi Jairo quem a expulsou da sinagoga.

Lucas registra no verso 44 que essa mulher desesperada *veio por trás dele e lhe tocou na orla da veste*. Essa mulher agarrou, por um momento, o *kraspedon*, ou seja, a orla do manto externo de Cristo.

Essa orla do manto externo do homem israelita servia de lembrete dos mandamentos do Senhor (Números 15.38–39). Israelitas fiéis pregavam uma borda especial nos cantos de seus mantos. Essa mulher aproximou-se de Jesus sem que ele a visse e agarrou uma dessas bordas. Imediatamente, seu sangramento parou. De repente, Jesus para de andar e pergunta:

*Quem me tocou? Como todos negassem, Pedro disse: Mestre, as multidões te apertam e te oprimem.*

O bom e velho Pedro responde: “Senhor, quem não está tocando em você?” Mas Jesus insiste dizendo que alguém o tocou intencionalmente, não acidentalmente. Sabendo que foi pega no ato, a mulher se apresenta e conta sua história (Lucas 8.47). Sim, ela poderia ser multada ou mesmo apedrejada por violar a lei. Jairo seria o homem a pronunciar sua sentença de morte. Mas lemos em Lucas 8.48 que Jesus lhe disse: *Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz*. Que palavras preciosas! “Você está curada... vai em paz.”

E você percebeu que Jesus a chamou de *filha*? Ela é a única mulher registrada nas Escrituras a quem Jesus chamou de *filha*. Quanta graça e compaixão! Ela perdeu sua própria família, mas agora se torna membro da família de Cristo.

Jesus também disse: *a tua fé te salvou*. Quem imaginou que ela ouviria isso um dia? Jesus a

declara cerimonialmente pura—seus dias de isolamento tinham terminado. Ela poderia retornar à sua família e aos seus amigos, à sinagoga... à sua vida!

Cristo também disse: *vai-te em paz*. Quanta mudança isso trouxe. Ela experimentou doze anos de dor; agora, ela tem paz. A verdade é que ela queria saúde, mas precisava do Médico dos médicos. Ela queria alívio, mas encontrou o Redentor!

Agora, em meio a toda essa demora, podemos só imaginar Jairo. Ele discou 192 meia-hora atrás. Melhor ainda, está dentro da ambulância com o Senhor, indo a toda velocidade para sua casa. De repente, Jesus pisa o freio e diz: “Quem me tocou?”<sup>8</sup>

“E daí? Minha filha está morrendo!”

Durante essa parada, enquanto Jesus lida com a senhora, um mensageiro chega e diz no ouvido de Jairo: *Tua filha já está morta, não incomodes mais o Mestre* (Lucas 8.49). Ou seja, “Não há mais esperança. Nem mesmo o Mestre é capaz de ajudar agora. Vamos para casa. Os lamentadores contratados já chegaram... precisamos ver os detalhes do funeral.”

Mas Jesus ouve a conversa, olha para Jairo e diz: *Não temas, crê somente, e ela será salva* (Lucas 8.50). Entenda bem o seguinte: deste ponto em diante, Jairo não depende de mais nada além da palavra de Jesus Cristo apenas.<sup>9</sup> As circunstâncias são intransponíveis, sua filha está morta e não há mais esperança. Porém, Jesus Cristo falou; ele deu sua palavra e Jairo, evidentemente, creu nele.

Quando chegam à casa e ouvem os lamentadores chorando e entoando suas canções de lamento, Jesus os repreende: *Não choreis; ela não está morta, mas dorme* (Lucas 8.52).

A metáfora do sono é frequentemente empregada nas Escrituras para descrever a morte do crente. Dormir é um ato normal que não tememos; semelhantemente, não devemos temer a morte. É o corpo que dorme, não o espírito; o espírito parte para imediatamente estar com Cristo (2 Coríntios 5.6; Filipenses 1.20). Na ressurreição, o corpo será despertado e reunido com o espírito em um novo corpo glorificado e imortal.<sup>10</sup>

Jesus Cristo ilustrou a verdade da ressurreição na terra, aqui e agora, na casa de Jairo, conforme Lucas registra em Lucas 8.54:

*Entretanto, ele, tomando-a pela mão, disse-lhe, em voz alta: Menina, levanta-te!*

Esta é a mesma ordem que ele deu ao filho da viúva—levanta-te!

Daí, como lemos em Lucas 8.55: *Voltou-lhe o espírito, ela imediatamente se levantou*. Você imagina o alívio para os pais? Consegue sentir a alegria inacreditável dos pais quando a garotinha se levantou? Mais uma vez, o pedido da morte foi negado; ela foi tragada pela vitória!

## Recebendo A Cura

É verdade, Jesus Cristo atrapalhou basicamente todos os funerais que frequentou. Seu desejo foi muito mais do que apenas reunir entes queridos. Suas demonstrações de poder foram projetadas para ilustrar a verdade de sua divindade. Ele disse: *Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que morra, viverá* (João 11.25).

A propósito, ele também deu sua palavra a nós e cumprirá sua promessa. Quem crê na sua palavra um dia o ouvirá dizendo: “Levanta-te!”



Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 09/04/2006

© Copyright 2006 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

---

<sup>1</sup> John MacArthur, *Matthew: Volume 2* (Moody Press, 1987), 75.

<sup>2</sup> *Ibid.*, 84.

<sup>3</sup> John Phillips, *Exploring the Gospel of Luke* (Kregel, 2005), 122.

<sup>4</sup> MacArthur, 76.

<sup>5</sup> R. Kent Hughes, *Luke: Volume One* (Crossway Books, 1998), 316.

<sup>6</sup> *Ibid.*, 261.

<sup>7</sup> Charles Swindoll, *The Continuation of Something Great* (Insight for Living, 1995), 68.

<sup>8</sup> *Ibid.*

<sup>9</sup> G. Campbell Morgan, *The Great Physician* (Revell, 1937), 164.

<sup>10</sup> Warren Wiersbe, *Be Compassionate* (Victor Books, 1988), 94.